



Trabalhos Científicos

Título: Aleitamento Materno No Centro-Oeste: Desafios E Perspectivas Para A Saúde Infantil

Autores: ISABELLE CLOSS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), ESTHER EVELYN SIQUEIRA COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), ALEXIA VASQUES BASTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), FERNANDA NEIVA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), JULIANA BORBOREMA NASCIMENTO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), RAYNARA MATOS DE JESUS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), SUILAN MOREIRA FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA), EVANDRO DE OLIVEIRA MAGALHÃES FILHO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA)

Resumo: O aleitamento materno exclusivo (AME) é uma prática fundamental para a nutrição e proteção do lactente nos primeiros seis meses de vida, influenciando positiva e diretamente nas taxas de morbimortalidade infantil. Estudos apontam que o AME reduz a incidência de doenças infecciosas, melhora a qualidade de vida das crianças e diminui os custos com a saúde pública. Além disso, fortalece o sistema imunológico, contribui para um desenvolvimento cognitivo e motor adequado, favorece o vínculo afetivo entre mãe e filho. Considerando sua relevância, torna-se essencial investigar os fatores que afetam essa prática, especialmente na região Centro-Oeste do Brasil. "Realizar uma análise sistemática dos dados sobre o aleitamento materno na região Centro-Oeste, identificando os principais fatores que influenciam os baixos índices de AME nos estados do Goiás, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. "Estudo descritivo com base em dados do DATASUS (2008) e SISAB (2024), que abordam a prevalência de AME por idade, sexo e região do país, os dados foram acessados em abril de 2025. Os dados consideram tanto a prevalência da prática quanto os benefícios e os obstáculos enfrentados para sua ampliação nas diferentes regiões do Brasil."Em 2008, o Centro-Oeste apresentou a segunda maior prevalência de AME por idade: 93,8% até 30 dias, 88,2% até 120 dias, 82,3% até 180 dias e 51,7% até 365 dias. Em contraste, a Região Sul apresentou 89,4%, 80,6%, 72,1% e 37,9%, respectivamente. Já em 2024, o cenário se mostrou menos positivo: a região Centro-Oeste teve o menor número absoluto de crianças amamentadas exclusivamente (130.459), enquanto o Nordeste liderou com 479.457. Também foram registrados baixos números de aleitamento predominante (16.491) e complementar (23.753) na região. Em relação ao sexo, o AME foi mais comum entre meninas (691.593) do que entre meninos (679.936). Apesar das metas do Ministério da Saúde — 70% de AME até os seis meses e 60% de aleitamento continuado até os dois anos —, os dados de 2024 indicam que apenas 45,8% das crianças menores de seis meses receberam AME, e 35,5% foram amamentadas de forma continuada no segundo ano de vida."Os dados revelam que, embora a região Centro-Oeste tenha apresentado bons índices em 2008, houve uma redução expressiva na prevalência de AME em 2024, ficando atrás das demais regiões brasileiras. A prática do aleitamento exclusivo entre crianças menores de seis meses, bem como o aleitamento continuado até os dois anos, permanece aquém do esperado. É fundamental que as políticas públicas sejam fortalecidas com base nas realidades locais, promovendo suporte contínuo às mães lactantes, a qualificação dos profissionais de saúde, campanhas educativas e o combate à desinformação, incluindo fake news que possam comprometer a amamentação. Consolidar o aleitamento materno como prática prioritária é essencial para a promoção da saúde e o pleno desenvolvimento infantil.